

# ANALISANDO A POSSE ATRIBUTIVA EM LÍNGUAS ARAWÁK FALADAS NA REGIÃO AMAZÔNICA

Camille Cardoso Miranda<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a posse atributiva no que concerne aos chamados nomes alienáveis e inalienáveis em cinco línguas Arawák faladas na região da Amazônia: Baniwa, Baré, Tariana, Apurinã e Wapixana. Um dos resultados apresentados é que em geral, essas línguas exibem distinção de posse alienável [- econômica] e inalienável [+ econômica], com afixos similares, todas elas exibem um morfema que designa nome não possuído. Assim sendo, nota-se a importância de uma averiguação mais detalhada para que, posteriormente, possa se estabelecer um estudo tipológico mais condensado da categoria de posse nas línguas da família Arawák.

**Palavras-Chave:** Nomes alienáveis e inalienáveis, Línguas Arawák, tipologia Morfológica.

## Introdução

As pesquisas tipológicas buscam comparar as semelhanças e diferenças entre as línguas do mundo, ou seja, é um estudo que procura estabelecer uma classificação de tendências dos fenômenos linguísticos de estudos de tipos, particularmente de tipos estruturais (CROFT, 2003). Assim, qualquer sistema linguístico pode ser base para comparações tipológicas, sejam eles fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos etc. O sistema que será analisado nesse trabalho é o morfológico, cujo foco é a posse atributiva na qual encontramos os nomes alienáveis e inalienáveis.

Velupillai (2012, p.19) afirma que um conceito central da tipologia é a classificação. Assim, línguas podem ser classificadas de acordo com vários critérios, tais como: número de falantes, formalidade de situações onde essas línguas são usadas,

---

<sup>1</sup> Estudante de Doutorado do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: camiranda126@gmail.com

questão areais e afiliação genética. A classificação das línguas selecionadas para esse trabalho se baseia na questão de afiliação genética já que elas fazem parte de uma mesma família linguística, mas também areal já que elas são faladas em diferentes regiões da Amazônia. Esse artigo investiga apenas construções sintagmáticas possessivas, ou seja, o sintagma nominal (doravante SN) com o nome possuído como o núcleo e o possuidor como seu modificador ou dependente (cf. NICHOLS, 1988). Conforme Nichols (1988) existem várias questões estruturais que podem ser trazidas em uma taxonomia de posse e sua marcação. Todas as línguas do mundo têm um mecanismo para expressar a posse, seja dentro de um sintagma nominal (SN) ou dentro de orações sintáticas com construções de verbos de propriedade como “ter” ou “pertencer”. Segundo Aikhenvald & Dixon (2013, p.1), a natureza do possuidor e do possuído e a relação entre eles está relacionada com variações translinguísticas.

No que diz respeito às línguas Arawák, Aikhenvald (1999, p.65) afirma que, geograficamente, as línguas dessa família se expandem para quatro países da América Central – Belize, Honduras, Guiana, Nicarágua e em oito países da América do Sul – Bolívia, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru, Brasil, Argentina e Paraguai. Atualmente, são aproximadamente 30 ou 40 línguas Arawák que permanecem vivas. As línguas selecionadas para essa pesquisa fazem parte da região da Amazônia Ocidental e são faladas nos estados do Amazonas (Baniwa, Baré, Tariana e Apurinã) e Roraima (Wapixana). Selecionamos essas línguas para verificar se há diferenças desse fenômeno ou regularidades que são devidas as suas heranças genéticas. Os dados utilizados foram compilados a partir de trabalhos descritivos dessas línguas.

Com base nas propostas teórico-metodológicas de Nichols (1988), Haspelmath (2008), Stassen (2009) e Aikhenvald & Dixon (2013), analisaremos a questão de posse em nomes alienáveis e inalienáveis. Para a realização deste trabalho, a metodologia utilizada foi essencialmente a pesquisa bibliográfica, desenvolvendo os passos seguintes: (i) coleta de dados a partir de publicações disponíveis referentes ao tema proposto; (ii) leitura e análise destes materiais; (iii) constituição de um banco de dados que servirão de exemplos para o processo em estudo. Um dos resultados apresentados é que em geral, essas línguas exibem distinção de posse alienável e inalienável, com afixos similares, como também nomes que são inalienáveis, mas podem receber um morfema para marcar uma forma não-possuída.

## **A definição de posse em uma perspectiva translinguística**

Stassen (2009) argumenta que vários autores têm estipulado que posse é basicamente um conceito social ou um conceito bio-cultural. Desse modo, o conceito de posse pode ser esperado para exibir alguns graus de variações transculturais (STASSEN, 2009). Para o autor, existem alguns aspectos da posse em que essas diferenças transculturais vêm à tona, ou seja, algumas sociedades podem divergir na variedade de objetos que podem ser “possuídos” e também alguns subdomínios de posse notavelmente. Stassen afirma que o subdomínio de posse inalienável parece ser influenciado ou moldado por convenções sociais ou culturais. Para Stassen, a definição ou noções de posse são relativamente abstratas e são difíceis de definir explicitamente.

Stassen afirma que a caracterização mais neutra e menos controversa de posse seja que, como um conceito semântico, ela pertence à classe de entidades cognitivas conhecidas como “relações”. A partir disso, percebe-se que a posse envolve duas entidades, que são chamadas de POSSUIDOR e POSSUÍDO (STASSEN, 2009). O POSSUIDOR tende para seres animados ou humanos. Para Aikhenvald & Dixon (2013), o POSSUIDOR é frequentemente expresso por um pronome pessoal ou um nome próprio, tipicamente ocupa uma posição alta em uma hierarquia nominal<sup>2</sup>.

Além disso, pode-se caracterizar esta relação como assimétrica, na medida em que envolve a noção de pertencimento. Em consonância com Stassen (2009) sobre a semântica da posse, o autor explica que um caso de posse que envolve uma relação de tipo bastante específico, nomeadamente um caso em que uma das entidades envolvidas, o POSSUÍDO, pode ser dito que pertence à outra entidade, o POSSUIDOR (STASSEN, 2009). Assim, pode-se dizer que uma entidade X “pertence” a uma entidade Y - e, portanto, X e Y podem ser considerados em uma relação de posse - se X e Y compartilham o mesmo espaço e, portanto, estão em contato (STASSEN, 2009). As relações possessivas podem ser expressas dentro de um sintagma nominal (SN) ou em estruturas predicativas. Aikhenvald & Dixon (2013) afirmam que a posse predicativa parece ser mais especializada em sua expressão do que as relações possessivas dentro de um SN. Dentro de uma oração, relações possessivas podem ser expressas através de

---

<sup>2</sup> A hierarquia nominal reflete a probabilidade dos participantes de diferentes tipos semânticos para ocorrer com A (sujeito transitivo) ou em O (objeto transitivo), demonstrativos e pronomes pessoais de 3º pessoa, nomes próprios, humanos, animacidade (AIKHENVALD & DIXON, 2013).

manipulação de estrutura de argumentos e nas fronteiras das orações. Segundo Lyons (1977, p. 722), o termo posse é mais ou menos equivalente para propriedades. Assim, a expressão linguística de “posse” dentro de um SN pode ser vista como uma das realizações de um conceito mais amplo de associação ou a relação entre dois nomes (AIKHENVALD & DIXON, 2013).

As construções possessivas podem ser relacionadas com uma ampla gama de significados. Aikhenvald & Dixon (2013) distinguem os seguintes significados “principais” de construções possessivas que são frequentes entre as línguas do mundo. São eles: (a) propriedade; (b) relação parte de um todo, incluindo partes do corpo e plantas e (c) relações de parentescos. Os autores argumentam que em muitas línguas, um SN possessivo, é tipicamente usado, para expressar relações de parte de um todo (ex. cabeça de João, cabeça dele), termos de parentesco (pai de João, pai dele), propriedades (casa de João, casa dele) e associações em geral. Essa posse é conhecida como atributiva. Diferentemente das construções atributiva, existe também, a posse predicativa que é expressada por um verbo. Heine (2001) afirma que as construções atributivas são mais inerentes e por isso mais polissêmicas do que aquelas predicativas.

Herslund & Baron (2001) explicam que a posse envolve a relação entre duas entidades, mas essas duas entidades são apenas atribuídas para o papel do possuidor e do possuído em virtude de uma outra, ou seja, não existe possuidor sem possuído e nem possuído sem um possuidor. Isso se baseia em uma relação estritamente binária. No que diz respeito à posse atributiva, os autores destacam que parâmetros de nomes inalienáveis e alienáveis tornam-se evidentes. De acordo com Herslund & Baron (2001), muitas línguas fazem a distinção entre esses dois tipos de posse. A posse inalienável agrupa os referentes que são conceitualizados como uma relação mais próxima ao possuidor. A posse inalienável frequentemente agrupa nomes que se referem a parte de um todo, como partes do corpo, parentescos e alguns itens culturais. Já a posse alienável é aquela que não necessariamente necessita ter uma relação muito próxima do possuidor, ou seja, é independente de um todo.

A relação de posse em termos de parentescos e parte de um todo (partes do corpo) reflete para uma relação fechada entre o possuidor e o possuído do que as outras construções convencionais de propriedades. Assim, uma relação de parentesco ou parte do corpo é sempre vista com respeito a um possuidor, ou seja, uma relação obrigatória.

Já objetos culturais como casas, canoas, flechas, etc podem estar no domínio de um nome obrigatório, mas tipologicamente são menos marcados para terem uma posse inalienável. Nichols (1988, p.572) estabelece uma escala de hierarquia implicacional para posse inalienáveis, como podemos observar em (1) a seguir.

**Quadro 1.** Hierarquia implicacional de nomes possuídos inalienavelmente

1. Termos de parentescos/Parte do corpo
2. Parte de um todo, relações espaciais
3. Itens culturalmente possuídos.

Fonte: Nichols (1997, p.572)

Observamos que termos de parentescos e partes do corpo são colocados como “principais” nessa hierarquia. Essa relação implicacional é denominada universais implicacionais que cria hipóteses das correlações entre os traços. Então, de acordo com Nichols (1988), pode-se dizer que termos de parentescos são bem propícios a serem nomes possuídos inalienavelmente, até mais do que partes do corpo. Assim, “se uma língua inclui outros nomes além dos termos de parentescos e parte do corpo como seus ‘inalienáveis’, geralmente ela inclui tanto termo de parentesco e parte do corpo também” (NICHOLS, 1988, p.572). Velupillai (2012, p. 34) afirma que os universais implicacionais podem ser unilaterais ou bidirecionais. Um universal implicacional bidirecional é uma pressuposição que funciona de duas maneiras: se uma linguagem tem X, então também tem Y e, inversamente, se tem Y, então também tem X. Assim, se uma língua apresenta posse inalienável provavelmente ela também terá a posse alienável.

Em consonância com Nichols & Bickel (2013), existem línguas que, exibem uma classificação possessiva binária, que é geralmente chamada de posse “inalienável / alienável” na literatura. A posse alienável é aquela que pode ocorrer independente de um todo (AIKHENVALD & DIXON, 2013), ou seja, ela é relacionada para itens que podem ocorrer por conta própria. Assim, a relação entre o possuidor e possuído não é inerente, uma vez que o possuidor, nesses casos, tem controle sobre a relação de posse, podendo desfazê-la quando desejar, a posse alienável não é obrigatória. Por exemplo, uma “casa” pode ser comprada ou vendida, mas “mãe” não, ela é uma propriedade inerente.

Aikhenvald & Dixon (2013) seguindo o princípio icônico na gramática afirmam que uma relação inalienável envolve menos marcação formal daquelas que são

alienáveis. Nas línguas Arawák analisadas nesse trabalho verificou-se que a posse alienável envolve um prefixo pronominal e um sufixo possessivo especial fixado no possuidor. Esse é um padrão recorrente nas línguas dessa família. Assim, o princípio da iconicidade prever que em uma construção com posse inalienável, ela nunca vai ser mais analítica ou requerer mais marcação formal do que nomes possuídos alienavelmente (AIKHENVALD & DIXON, 2013). A escolha de um marcador gramatical adicional de uma construção de posse alienável pode depender sobre as propriedades do possuído e a natureza da relação dentro da construção (AIKHENVALD & DIXON, 2013) é o que Haspelmath (2008) chama de motivação econômica.

Uma outra característica importante entre posse inalienável e alienável é que nomes que tomam posse inalienável são sempre conjuntos mais fechados e pequenos, enquanto aqueles que tomam posse alienável são mais abertos, portanto, podem ser um grupo ilimitado. Nichols (1997, p.568) explica que a posse inalienável é um conjunto fechado de nomes presos que não podem ocorrer sem um marcador possessivo. Já os nomes alienáveis podem ou não ter um marcador possessivo. No geral, a posse inalienável e alienável é bastante comum, especialmente nas línguas Ameríndias, estabelecendo um conjunto binário de classes possessivas (NICHOLS & BICKEL, 2013).

### **Analisando a posse inalienável e alienável em línguas Arawák**

O fenômeno de posse é uma característica presente, particularmente, em todas as línguas pertencentes à família Arawák. As subseções abaixo descrevem esse processo nas línguas de análise.

#### *Baniwa de Içana*

Ramirez (2001) define dois tipos de nomes: os **independentes** que são morfemas livres, ou seja, não necessitam de prefixos obrigatoriamente e os **dependentes** que são morfemas presos e sempre aparecem com uma marca pessoal possessiva junto ao nome. O que Ramirez denomina nomes independentes ou dependentes, aqui, denominamos de nomes possuídos inalienavelmente (posse obrigatória) e alienavelmente (posse opcional). Assim, os nomes dependentes são diretamente possuídos que indicam a dependência necessária quando não são derivados. Encontram-se nos termos que denotam partes do corpo, anatomia animal ou vegetal,

parte de um objeto e espaço, termos de parentesco, relações estreitas, etc. Em (1) apresentamos os exemplos com nomes possuídos inalienavelmente em Baniwa do Içana.

(1) Posse Inalienável em Baniwa

- |    |          |  |               |
|----|----------|--|---------------|
| a. | no-kaapi |  | ‘minha mão’   |
| b. | Ꞥó-iniꞤi |  | ‘marido dela’ |
| c. | –iináka  |  | ‘fruta’       |
| d. | pi-heeni |  | ‘tua orelha’  |

(RAMIREZ, 2001, p.128)

Observamos que na posse inalienável o nome sempre será possuído por um afixo pronominal de posse. Contudo, em Baniwa alguns nomes que são inalienavelmente possuídos podem ser convertidos para nomes não possuídos através do prefixo *i-* e do sufixo *-ti*, como podemos observar nos exemplos em (2) a seguir.

(2) Nomes não possuídos em Baniwa

- |    |         |   |                    |           |
|----|---------|---|--------------------|-----------|
| a. | – dáki  | > | i-ḍakí- <b>ti</b>  | ‘corpo’   |
| b. | – kaapi | > | i-kaapí- <b>ti</b> | ‘mão’     |
| c. | – jhaa  | > | i-jháa- <b>ti</b>  | ‘mentira’ |

(RAMIREZ, 2001, p.134)

De acordo com Ramirez (2001, p.133) as formas da esquerda são presas e só podem aparecer com prefixo pessoal ou com algum conectivo precedido do sintagma possuidor (*no-jhaa* ‘minha mentira’, *PedoꞤo i-jhaa* ‘mentira de Pedro’). Essa combinação de nome inalienável não possuído não ocorre em termos de parentesco. Já a posse alienável são nomes independentes que não podem ser diretamente possuídos. Os nomes que se encontram na posse alienável são os que designam seres humanos ou sobrenaturais, animais, vegetais, elementos da natureza, objetos e seres inanimados, artesanatos, estados físicos e alguns empréstimos. Os exemplos em (3) exibem os nomes que podem ser possuídos alienavelmente em Baniwa do Içana.

(3) Nomes alienáveis em Baniwa

- |    |          |         |
|----|----------|---------|
| a. | Atsínali | ‘homem’ |
| b. | Hiipáda  | ‘Pedra’ |
| c. | Kámoi    | ‘Sol’   |

(RAMIREZ, 2001, p.128)

Para que esses nomes sejam possuídos é necessária a afixação de um prefixo de posse e de um sufixo que faz com que o nome se torne possuído. Em Baniwa de Içana há três formas de sufixo de posse: *-ni*, *-te*, *-le*. Eles ocorrem dependendo da classificação nominal. Em (4) exibem-se os exemplos de nomes possuídos alienavelmente.

(4) Posse Alienável em Baniwa

- a. No-tsiino-**ni** ‘meu cão’
- b. No-oṇai-**te** ‘meu porto’
- c. No-kenike-**le** ‘minha roça’

(RAMIREZ, 2001, p. 129)

Dessa forma, podemos observar que a posse alienável é menos econômica que a inalienável já que necessita de dois afixos: um prefixo possessivo e um sufixo de posse. O que colabora com a análise de que nomes possuídos alienavelmente recebem mais valência e são menos econômicos do que a posse obrigatória. Em seguida veremos a posse em Baré.

*Baré*

Assim como a língua Baniwa de Içana, a língua Baré também apresenta dois tipos de subclasses dos nomes: possuídos alienavelmente (que é uma classe aberta) e posse inalienável (uma classe fechada) que consiste de nomes de parte do corpo e termos de parentescos. Segundo Aikhenvald (1995), a posse inalienável é marcada por prefixos possessivos e as formas não possuídas de posse inalienável apresentam um sufixo que designa um nome não possuído (*-hVi*) e diferentemente de Baniwa que recebe o prefixo *i-*, Baré não apresenta esse prefixo em construções de nomes inalienáveis não-possuídos, como podemos observar nos exemplos em (5).

(5) Posse Inalienável e Nomes não possuídos em Baré

- a. Nu-nene ‘minha língua’ > nene-**hei** ‘língua’
- b. Nu-numa ‘minha boca’ > numa-**hai** ‘boca’
- c. Nu-ahai ‘meu dente’ > ahai-**hi** ‘dente’

(AIKHENVALD, 1995, p.13)

Já a posse alienável é marcada por um prefixo possessivo e um dos sufixos possessivos seguintes: *-ni*, *-te*, *-se*. Formas não possuídas não são marcadas, assim como na língua Baniwa, em (6) exibem-se a posse alienável em Baré.



(6) Posse alienável em Baré

- a. Wa-datur-**ʒe**  
1PL-doutor-POSS  
'Nosso doutor'
- b. Nu-kaku-**je**  
1SG-rede.peixe-POSS  
'Minha Rede'
- c. Nu-maʒeta-**ni**  
1SG-faca-POSS  
'Minha faca'

(AIKHENVALD, 1995, p.14)

Observamos que tanto a língua Baniwa de Içana quanto Baré tem um padrão bastante comum no que diz respeito ao sistema de posse. A língua também exibe sufixo que converte nomes possuídos obrigatoriamente a não possuídos, além de terem também sufixos possessivos que representam a posse alienável junto com os prefixos pessoais de posse.

*Tariana*

Os nomes em Tariana podem ser divididos entre aqueles que tomam prefixos e aqueles que não. De acordo com Aikhenvald (2006), essa distinção é ultimamente relacionada à divisão de nomes em tipos de posse inalienável e alienável. Nomes possuídos inalienavelmente sempre tomam prefixos para especificar o possuidor; alguns nomes opcionalmente possuídos podem tomar prefixos; existem outros nomes que não tomam prefixos. Desse modo, a língua apresenta termos que são possuídos obrigatoriamente como: partes do corpo, partes das plantas, termos de parentescos e outros nomes que se referem para coisas próximas associadas com pessoas. Os exemplos em (7) exibem a posse inalienável em Tariana.

(7) Posse inalienável em Tariana

- a. -kawa            'perna de'
- b. -kuda            'tronco de'
- c. -itu              'filha de'
- d. -ipitana        'nome de'

(AIKHENVALD, 2006, p.127)

Aikhenvald (2006) explica que a posse obrigatória em nomes está mudando para classe de nomes possuídos opcionalmente e é feita por justaposição. Essa expansão é

devido aos padrões de marcação de posse inalienável de línguas Tucano (ex. *yí'í pa-co* = eu parente-FEM ‘minha mãe’). Aikhenvald (2006) afirma que dois nomes de parentesco são usados para ser prefixados obrigatoriamente para posse em Tariana (ex. *-ha-dua* = parente-mulher ‘mãe’, *-ha-nisi* parente-homem ‘pai’) e são tratados como nomes obrigatórios no modelo de línguas Arawák ou como posse opcional seguindo o modelo Tucano, essa mudança é presente nas falas dos mais jovens. Diferente de Baniwa e Baré, a língua Tariana não apresenta o prefixo indefinido *-i* para expressar um nome inalienável como não possuído.

Observamos que Baniwa de Içana e Baré apresentam um sufixo que exibe um nome inalienável como sendo não possuído (cf. Baniwa *-ti*; Baré *-hVi*). O reflexo do *-ti* em Tariana é *-si* devido uma mudança fonológica. Essa forma sobrevive em alguns nomes, nos quais são tratados como aqueles que são possuídos opcionalmente, como os exemplos em (8).

(8) Nomes não possuídos em Tariana

- |    |                     |                 |
|----|---------------------|-----------------|
| a. | <b>yaru-si</b>      |                 |
|    | Coisa-NPOSS         | ‘Bens’          |
| b. | <b>yaru-maka-si</b> |                 |
|    | coisa-CL:pano-NPOSS | ‘Roupas’        |
| c. | <b>hiti-si</b>      |                 |
|    | lágrima-NPOSS       | ‘Lágrimas’      |
| d. | <b>hini-si</b>      |                 |
|    | leite.materno-NPOSS | ‘Leite materno’ |

(AIKHENVALD, 2006, p.129)

O sufixo não-possuído é presente também em alguns nomes derivados por nominalização (ex. *ñhaka-si* ‘comida’, *iraka-si* ‘bebida’, *hiwya-si* ‘sopro’, *herena-si* ‘doença’, cf. AIKHENVALD, 2006, p.129). Nenhum desses nomes pode tomar prefixos possessivos pessoais. Conforme Aikhenvald (2006), o sufixo *-si* é arcaico, o tratamento desses nomes na língua é feito através de posse opcional que é uma inovação devido a expansão de posse alienável na língua. Assim sendo, ao contrário de outras línguas Arawák (como as selecionadas para esse artigo: Baniwa, Baré, Apurinã e Wapixana), a língua Tariana não tem uma classe de nomes inalienáveis não possuídos, sendo essa classe arcaica na língua (AIKHENVALD, 2006).

Segundo Aikhenvald (2006) a maioria dos nomes em Tariana são opcionalmente possuídos (ex. *yakare* ‘aldeia’, *panisaru* ‘aldeia abandonada’, *inaru* ‘mulher’, *fãri* ‘homem’). Esses nomes não tomam prefixos possuídos e a posse é marcada por justaposição de possuidor e possuído (ex. *waha panisaru* ‘nossa aldeia abandonada’, cf. AIKHENVALD, 2006, p.128). No que diz respeito à posse alienável, a língua Tariana tem perdido completamente os sufixos possessivos em nomes possuídos alienavelmente. No entanto, esses sufixos permanecem ainda em alguns nomes arcaicos e a distribuição deles se dá devido uma questão semântica (AIKHENVALD, 2006). Os sufixos de posse alienável são: *-ni* e *-re*. Os exemplos em (9) mostram alguns nomes possuídos alienavelmente.

(9) Nomes possuídos alienavelmente em Tariana

- a. Kuphe hipatu-**ni**  
Peixe-rapé-POSS  
‘Rapé de peixe’
- b. Hipatu-tiya-**re**  
Rapé-Prato-POSS  
‘Prato para rapé’

(AIKHENVALD, 2006, p.132)

Aikhenvald (2006) afirma que os nomes que retêm o sufixo de possessivo arcaico em Tariana não exibem prefixos pessoais de posse. Os exemplos em (9) mostram que esses morfemas aparentam ser uma marca de genitivo ou locativo, já que eles estão sendo usados para indicar uma relação de que algo pertence ou está associado a alguém ou alguma coisa e sem prefixação. Contudo, a posse alienável mostra que esses morfemas já estão associados a um referente. Assim sendo, observamos que a língua Tariana apresenta padrões de posse diferentes do que foi visto nas outras línguas acima. Essa mudança pode ser devido ao contato com línguas Tucano.

*Apurinã*

De acordo com Facundes (2000) os nomes em Apurinã são divididos entre os nomes simples, nomes compostos e nomes derivados de outras categorias, além deles se dividirem em gênero masculino e feminino. Aqui, iremos analisar apenas os nomes simples que são subcategorizados em nomes simples inalienáveis e nomes simples alienáveis. Para o autor os nomes simples são aqueles que contêm apenas uma raiz. Os nomes simples podem ser marcados lexicamente para serem possuídos obrigatoriamente. Esses nomes inalienáveis pertencem a uma classe fechada e são

obrigatoriamente possuídos. Eles não exigem uma marca morfológica para ocorrerem possuídos. Contudo, se eles ocorrem não possuídos, assim como acontece em Baniwa e Baré, os nomes devem conter um sufixo não possuído *-txi*.

Facundes (2000, p.152) mostra que a palavra *kuwu* por si mesma significa ‘cabeça de’, não simplesmente ‘cabeça’. Então, para expressar o conceito ‘cabeça’ sem especificar o referente relacionado a esse termo, é necessário atachar o sufixo *-txi* (*kuwu-txi*). Os exemplos em (10) abaixo exibem isso.

(10) Posse Inalienável e nome não possuído em Apurinã

- a. [*kema kuwu*]                      *mipa atama-ta*  
 Anta Cabeça.de                      *Mipa olhar-VBLZ*  
 ‘Mipa olhou para cabeça da anta’
- b. [*kuwĩ-txi*]                      *su-pe*  
 cabeça.de-nposs                      *ir-PFTV*  
 ‘A cabeça saiu’ (Lit. Neste caso ‘cabeça’ refere-se a um personagem mitológico que apenas existe com uma cabeça, sem outras partes do corpo).  
 (FACUNDES, 2000, p. 152-153)

Facundes (2000) explica que as raízes dos nomes inalienáveis são marcadas lexicamente como possuídas e por isso não requerem marcas morfológicas para ocorrer possuído e exigem o sufixo *-txi* para nomes inalienáveis não possuídos. A classe dos nomes inalienáveis inclui partes do corpo, partes das plantas, pertences pessoais, termos de parentescos. Os nomes inalienáveis são divididos como nomes não classificatórios ou nomes classificatórios. Para o autor, os nomes não classificatórios são simplesmente nomes inalienáveis comuns, como *kuwu* ‘cabeça de’. Esses nomes seguem o padrão de marcação morfológica possuído e não possuído. A forma não possuída não ocorre com todos os nomes inalienáveis, os que recebem referem-se a parte do corpo ou significados relacionados ao corpo, pertences pessoais, conceitos abstratos. Como podemos observar nos exemplos em (11).

(11) Nomes inalienáveis possuídos e não possuídos

- a. *apu*                      *apĩ-txi*                      ‘osso de’  
 b. *kuwu*                      *kuwĩ-txi*                      ‘cabeça de’  
 c. *hĩwãka*                      *hĩwãka-txi*                      ‘nome de’  
 d. *keko*                      *keko-txi*                      ‘rede de’

(FACUNDES, 2000, p. 156)

Em (12) exibimos os nomes inalienáveis de formas possuídas com prefixos pessoais e suas formas não possuídas.

(12) Nomes inalienáveis com prefixos pessoais e sua forma não possuída

- |   |   |
|---|---|
| a. Nu-kuwu<br>1SG-cabeça.de<br>'Minha cabeça' | kuwĩ- <b>txi</b><br>cabeça.de-NPOSS<br>'Cabeça' |
| b. P-oki<br>2SG-olho.de<br>'Seus olhos'       | okĩ- <b>txi</b><br>olho.de-NPOSS<br>'Olhos'     |
| c. O-kano<br>3F-braço.de<br>'Braço dela'      | kanõ- <b>txi</b><br>braço.de-NPOSS<br>'Braço'   |

(FACUNDES, 2000, p. 158)

No que diz respeito aos termos de parentesco, assim como ocorre nas outras línguas, em Apurinã estes não recebem o sufixo não-possuído. Contudo, existem alguns casos em que os termos de parentescos são usados sem expressar formalmente um possuidor, são aqueles onde os termos de parentescos são usados como vocativo. Neste caso, o vocativo é interpretado em termos da sua relação com o falante (FACUNDES, 2000). Assim, termos de parentescos podem ser descritos como um subconjunto de nomes inalienáveis não classificatórios que simplesmente não ocorrem não-possuído. Freitas (2017) define esses nomes como não marcados no lugar de obrigatoriamente possuídos. A autora explica que em um ponto de vista semântico a classe dos inalienáveis não marcados inclui apenas os termos de parentescos que sempre ocorrem com a expressão de um possuidor. Em (13) apresentamos os termos de parentescos que não recebem o sufixo *-txi*.

(13) Exemplos de termos de parentescos em Apurinã

- |  |  |
|--|--|
| a. Ny-nyrymany<br>1SG-parente.de<br>'Meu parente'          |  |
| b. Õ-imi-aku-ry<br>3SG.F-filho.de-PL-MASC<br>'Filhos dela' |  |

(FREITAS, 2000, p.191)

Em relação aos nomes inalienáveis classificatórios eles são fonologicamente formas presas e são recorrentes nos nomes compostos (FACUNDES, 2000). Facundes

(2000, p.162) dá como exemplo a palavra *-tsota* que significa ‘tronco de’. Se for marcado com a forma de terceira pessoa do singular masculino *u-*, como em *u-tsota*, isso vai significar ‘tronco dele’. Facundes (2000, p.162) afirma que “a propriedade de falar com um marcador de pessoa que funciona como um possuidor é uma característica dos nomes”. Assim, nomes classificatórios tais como *-tsota* podem ser considerados para constituir uma subclasse de nomes simples que acontecem para serem fonologicamente presos (FACUNDES, 2000). Além de serem nomes fonologicamente presos, eles são recorrentes em nomes compostos, contanto que a semântica permita. Desse modo, um nome classificatório pode ocorrer repetidamente como parte de vários nomes compostos. Os exemplos abaixo exibem nomes inalienáveis classificatórios.

(14) Nomes Inalienáveis Classificatórios

- a. *ãã-muna-tsota*  
planta-caule-tronco.de  
‘Tronco da árvore’
- b. *mãko-tsota*  
manga-tronco.de  
‘Tronco de mangueira (árvore)’
- c. *oko-tsota*  
uku-tronco.de  
‘Tronco de Uku’

(FACUNDES, 2000, p.163)

No que diz respeito aos nomes simples possuídos alienavelmente, eles ocorrem de forma semelhantes aos das outras línguas. Em Apurinã os nomes possuídos opcionalmente são aqueles que requerem os sufixos *-te*, *-ne* e *-re* quando estão possuídos. Os exemplos em (15) exibem os nomes possuídos alienavelmente em Apurinã.

(15) Nomes possuídos alienavelmente em Apurinã

- a. Ny-kupiti-**ne**                      kupiti  
1SG-panela.de.barro.POSS      ‘Panela’  
‘Minha panela de barro’
- b. Ny-kasyri-**te**                      kasyri  
1sg-lua-poss                      ‘panela’  
‘Minha Lua’
- c. Ny-ãputa-**re**                      ãputa  
1sg-abano-poss                      ‘abano’  
‘Meu abano’

*Wapixana*

A última língua analisada nesse trabalho é o Wapixana que tem um padrão similar com a língua Apurinã. Já que ela também apresenta nomes inalienáveis que têm uma função classificatória. De acordo com Santos (2006), uma primeira e ampla divisão que se pode fazer entre os nomes do Wapichana, calcada na categoria de posse, resulta em dois subgrupos: *inalienáveis* e *alienáveis*. O autor explica que os nomes inalienáveis são obrigatoriamente possuídos. Quando esses nomes não estão sendo possuídos recebem o sufixo *-j* que é adicionado à raiz do nome inalienável, quando ele não apresenta um possuidor especificado. Os exemplos em (16) exibem os nomes inalienáveis e não possuídos em Wapixana.

## (16) Nomes inalienáveis e não possuídos em Wapixana

a.	Idjib	idjib-a-j	‘nariz de’
b.	anub	anub-a-j	‘braço de’
c.	maḍ	maḍ-a-j	‘casca de’
d.	baiṭi	baiṭi-j	‘flecha de’

(SANTOS, 2006, p.102)

Do ponto de vista semântico, os nomes inalienáveis do Wapixana fazem referência a partes do corpo ou algo a ele relacionado, as plantas ou partes delas, termos de parentesco dentre outros. No que diz respeito aos termos de parentescos, diferentemente das outras línguas aqui analisadas, essa classe em Wapixana pode apresentar o sufixo não possuído, mas isso não ocorre em todos os nomes. Como podemos observar nos exemplos em (17) retirado de Santos (2006).

(17) Termos de parentescos com sufixo não-possuído *-j*

a.	ḍaṭi	ḍaṭ-i-j	‘pai de’
b.	ḍaṭu	ḍaṭ-u-j	‘mãe de’
c.	dajaṭi	dajaṭi	‘esposo de’
d.	dajaṭu	dajaṭu	‘espsa de’

(SANTOS, 2006, p. 102)

De acordo com Santos (2006), os termos de parentesco compõem o grupo semântico dos nomes inalienáveis que mais apresenta desvios em relação ao padrão de nomes não marcados com o sufixo não-possuído *-j*. Observamos que os exemplos 17 (d, e) não apresentam este sufixo. Santos explica que em relação a esse grupo semântico

há uma certa indecisão no emprego do morfema *-j*, até para nomes que parecem obedecer ao padrão regular de marcação de nomes não-possuídos. O autor explica que palavras como *ɖaɾij* ‘pai’ e *ɖaɾuj* ‘mãe’ são muitas vezes empregadas sem o morfema *-j*, mesmo quando configuram uma construção em que os possuidores não são explícitos (SANTOS, 2006). Dentro dos nomes inalienáveis, assim como ocorre em Apurinã, há um grupo especial que se caracteriza por apresentar uma função classificatória, que Santos (2006) denomina de termos de classes. Os exemplos em (18) exibem esses nomes classificatórios.

(18) Nomes inalienáveis classificatórios

- a. *atamɪn-ak*  
árvore-TCL:FRUTA ‘fruta da árvore’
- b. *wabu-ak*  
açai-TCL:FRUTA ‘fruta do açazeiro’
- c. *taɾij-ak*  
murici do mato-TCL:FRUTA ‘fruta do murici-do-mato’
- d. *maba-ɖap*  
abelha-TCL:HABITAÇÃO ‘casa de abelhas’

(SANTOS, 2006, p.107-108)

Assim como vimos em Apurinã, em Wapixana esses nomes são presos aos nomes e são bastante recorrentes em nomes compostos. Santos (2006) explica que os nomes *-ak* ‘fruta’ e *ɖap* ‘casa’ exibem funções classificatórias, ou seja, indicam categorias de objetos que são especificados pelas outras partes dos compostos que os integram, constituindo, assim, núcleos semânticos desses compostos. Os termos de classes, portanto, exerce uma função classificatória. Contudo, nomes como *ninub* ‘língua de’ não constitui um termo de classe como *ak* ‘fruta’ ou *ɖap* ‘casa’, podendo ser considerado como um nome não classificatório. No que concerne aos nomes alienáveis, eles ocorrem semelhante às outras línguas. São nomes opcionalmente possuídos, não apresentam qualquer marca e quando possuídos exibem um sufixo caracterizador. Em Wapixana também há três marcas distintas para marcar a posse alienável nos nomes, são os sufixos *-n*, *ɬ* e *-t*. Nos exemplos em (19) exibimos a posse alienável em Wapixana.

(19) Posse Alienável em Wapixana

- a. *ɖaunaiuɾ baɾu-n*



	Homem	machado-POSS	‘machado do homem’
b.	ũgaɾi 1	kubaw-a-ɹ anzol-EP-POSS	‘meu anzol’
c.	i-ɾi 3m-m	baiɽukuɾi-t onça-POSS	‘onça dele’
d.	ũ-kanaw-a-n/ɹ 1sg-canoa-ep-POSS		‘minha canoa’

(SANTOS, 2006, p. 132- 134)

Assim como ocorre em outras línguas não há uma regra exata do uso semântico dos morfemas de posse alienável, podendo os nomes tomarem os sufixos de posse sem ter uma classificação semântica exata. No mais, a língua Wapixana é a que mais se aproxima de Apurinã no fenômeno de posse na divisão de nomes com função classificatória ou não classificatória. Contudo, se diferencia, não apenas do Apurinã, mas também das outras línguas nos termos de parentescos, já que em Wapixana, eles podem tomar o sufixo não possuído. A seção seguinte faz um esboço preliminar sobre o perfil tipológico do fenômeno de posse nas línguas de análise.

### **Padrões tipológicos preliminares de posse atributiva nas línguas Arawák analisadas**

A grande parte da complexidade gramatical das línguas Arawák está na morfologia, onde os estudos de posse se encontram. Noble (1965, p.1) foi um dos primeiros a observar que termos de partes do corpo regularmente começam com prefixos possessivos. Payne (1991, p.376) explica que nas línguas Arawák, o mesmo conjunto de prefixos pronominais que denotam possuidores em nomes são atachados aos verbos para fazer referência cruzada ao sujeito. Exibimos no quadro (2) a seguir uma tentativa de agrupar os prefixos pessoais possessivos das línguas de análise nesse trabalho.

Quadro 2. Prefixos pessoais possessivos das línguas analisadas

	Baniwa	Baré	Tariana	Apurinã	Wapixana
1sg	no-	nu-	nu-	nu-	ũ-
2sg	pi-	bi-	pi-	pu-	pi-
3sg.f	ʔo-	w-/u-	du-	o-	u-
3sg.m	li-	i-	di-	u-	i-
1pl	wa-	wa-	wa-	a-	wa-
2pl	i-	i-	i-	hĩ-	i
3pl	na-	na-	na-	u-...-na (masc) o-...-na (fem)	i-
impessoal	pa-	ba-	pa-		pa-
indefinido	i-	a-	i-		

Fonte: Ramirez, 2001, Aikhenvald, 1995, Aikhenvald 2006, Facundes, 2000, Santos 2006.

A posse inalienável nessas línguas obrigatoriamente deve vir com esses prefixos para designar o possuidor do nome, apesar de que em Apurinã e Wapixana o nome não necessariamente deve vir com o prefixo, já que ele mesmo sem o morfema possuidor já mostra a posse. Observamos que na língua Apurinã o prefixo impessoal e indefinido se perdeu, assim como o indefinido no Wapixana. Seguindo a hierarquia implicacional de posse de Nichols (1988, p. 572), a mesma pode ser adaptada para as línguas analisadas nesse trabalho, como podemos observar em (20)

(20) Hierarquia de posse inalienável nas línguas Arawák analisadas

1. Termos de parentescos > 2. Partes do corpo/partes da planta > 3. Itens culturais

Nessa hierarquia colocamos termos de parentescos como nomes mais suscetíveis à posse inalienável, já que nessas línguas,<sup>3</sup> esses termos não podem receber o sufixo não-possuído (\**ʔi*- Proto-Arawák), diferentemente de partes do corpo/partes de plantas ou itens culturais que podem ser nomes inalienavelmente não possuídos. O padrão de marcação de posse nessas línguas é *marcação no núcleo (head-marked)*, onde o nome é marcado para ser possuído. No que concerne à posse alienável, com exceção de Tariana, elas apresentam três tipos de sufixos possessivos para expressá-la. Eles estão divididos no quadro (3) a seguir.

Quadro 3. Sufixos de posse alienável das línguas analisadas

Baniwa	- <i>ni</i>	- <i>te</i>	- <i>le</i>
Baré	- <i>ni</i>	- <i>ʔe</i>	- <i>ʒe</i>

<sup>3</sup> A língua Wapixana precisa de uma análise mais detalhada sobre a questão dos nomes não possuídos, principalmente no que se observa nos termos de parentescos que destoa dos padrões das outras línguas, uma vez que recebe o sufixo -j não possuído em alguns termos, mas não em todos como observou Santos (2006).

Tariana	- ni	- re	
Apurinã	- ni	- te	- re
Wapixana	- n	- t	- z

Fonte: Ramirez, 2001, Aikhenvald, 1995, Aikhenvald 2006, Facundes, 2000, Santos 2006.

A distribuição desses sufixos para atribuição de posse alienável provavelmente se dá por fatores semânticos e culturais, não tendo uma regra exata com qual nome eles devem vir. No mais, a posse alienável é realizada com o seguinte padrão: PREFIXO PESSOAL + NOME + SUFIXO DE POSSE. De acordo com Haspelmath (2008), as relações universais de forma-função de construção possessiva deveriam ser explicadas pela motivação econômica e a frequência de ocorrência. Verificamos que nas línguas de análise é muito mais comum a posse alienável ser mais marcada do que a inalienável, ou seja, a posse alienável é menos econômica do que a inalienável, colaborando com a hipótese de Haspelmath (2008) e também de Nichols (1988). Contudo em Tariana, a posse alienável tem perdido completamente os sufixos possessivos em nomes possuídos alienavelmente. Verificamos que esses sufixos ocorrem de forma arcaica na língua e quando parecem não tomar prefixos possessivos, diferentemente das outras línguas de análise. Sendo assim, podemos observar que a posse atributiva é um padrão bastante regular nessas línguas. O quadro (3) a seguir resume o padrão tipológico de posse atributiva nas línguas analisadas.

Quadro 3. Padrão tipológico preliminar de posse atributiva nas línguas analisadas

Línguas	Padrão de marcação	Posse Inalienável	Nomes-NPOSS	Posse alienável	Fonte
<b>Baniwa</b>	Núcleo-marcado	Prefixo + nome	i-...-ŋi	Prefixo + Nome + Sufixo de Poss.	RAMIREZ (2001)
<b>Baré</b>	Núcleo-marcado	Prefixo + nome	-hVi	Prefixo + Nome + Sufixo de Poss.	AIKHENVALD (1995)
<b>Tariana</b>	Núcleo-marcado	Prefixo + nome	-si	Nome + Sufixo de Poss.	AIKHENVALD (2006)
<b>Apurinã</b>	Núcleo-marcado	Prefixo + nome	-txi	Prefixo + Nome + Sufixo de Poss.	FACUNDES (2000); FREITAS (2017)
<b>Wapixana</b>	Núcleo-marcado	Prefixo + nome	-j	Prefixo + Nome + Sufixo de Poss.	SANTOS (2006)

Fonte: Autora, 2020.

## Considerações Finais

O artigo teve como objetivo analisar de forma preliminar a posse atributiva em cinco línguas que compõem a família Arawák: Baniwa de Içana, Baré, Tariana, Apurinã e Wapixana. Observamos que o fenômeno de posse é um padrão regular nessas línguas, com algumas mudanças. Todas elas apresentam a posse inalienável com nomes obrigatoriamente possuídos por um prefixo pessoal possessivo. O padrão observado dessa marcação é *núcleo-marcado*, onde o nome possuído será marcado por um prefixo que vai indicar o possuidor. Além disso, os nomes inalienavelmente possuídos exibem um sufixo que é atachado a raiz do nome inalienável, fazendo com que ele se torne não-possuído, não recebendo prefixação. Com relação aos termos de parentesco, eles são a única classe que não podem tomar o sufixo não-possuído, mesmo em Wapixana que embora se tenha exemplos de termos de parentescos com esse sufixo, não é um padrão regular na língua, sendo que, muitas vezes, esses termos são utilizados sem esse morfema.

A posse alienável é marcada de forma regular, com exceção de Tariana que não toma prefixos possessivos, apenas os sufixos que designam a posse alienável. No restante, verificamos que a posse alienável tende a ser menos econômica do que a posse inalienável, colaborando com a hipótese de Haspelmath (2008) e Nichols (1988). Vimos que, as línguas Apurinã e Wapixana apresentam nomes inalienáveis com função classificatória, em que tais nomes só podem ocorrer fonologicamente presos e recorrentes em palavras compostas. Em suma, nota-se a importância de um estudo tipológico de línguas geneticamente aparentadas, para que futuramente se possa investigar as mudanças que ocorreram nessas línguas, como é o caso da língua Tariana que tem mudado seu sistema de posse devido à influência de línguas Tucano. Esse estudo é um ponto inicial para a investigação desse fenômeno nas línguas da família Arawák, para que posteriormente, possa se ter um estudo mais condensado sobre este assunto.

## Referências

AIKHENVALD, A. Y. Baré. *Language of the world's materials*. München- Newcastle: Lincom Europa, 1995.

The Arawak language Family. In: DIXON, R. M.; AIKHENVALD, A. Y. *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p.65-106.  
*A grammar of Tariana, from Northwest Amazonia*. Cambridge University Press, 2006.

DIXON, R. M.W. *Possession and Ownership*. Oxford Linguistic, Oxford University Press, 2013.

CROFT, William. *Tipology and Universals*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.

FACUNDES, Sidney. *The language of The Apurinã People of Brazil (Maipure/Arawak)*, (Tese de doutorado). Nova York, Buffalo: Faculty of the Graduate School of State University of New York at Buffalo, 2000.

FREITAS, Marília. *A posse em Apurinã: descrição de construção atributiva e predicativa em comparação com outras línguas Aruák*, 2017, 429 f (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2017.

HEINE, Bernd. Ways of explaining possession. In: BARON, Irene; HERSLUND, Michael; SØRENSEN, Finn (eds.). *Dimensions of Possession*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001, pp. 311-328 (Typological Studies in Language, vol. 47).

HERSLUND, Michael; BARON, Irène. Dimensions of possession. In: BARON, Irene; HERSLUND, Michael; SØRENSEN, Finn (eds.). *Dimensions of Possession*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001, pp. 1-25 (Typological Studies in Language, vol. 47).

HASPELMATH, Martin. Alienable vs. inalienable possessive constructions. *Syntactic Universals and Usage Frequency*, Leipzig School On Linguistic Diversity, p. 1-14, mar. 2008. Disponível em: <[http://www.eva.mpg.de/lingua/conference/08\\_springschool/pdf/course\\_materials/Haspelmath\\_Possessives.pdf](http://www.eva.mpg.de/lingua/conference/08_springschool/pdf/course_materials/Haspelmath_Possessives.pdf)>. Acesso em: 07 jun. 2017.

LYONS, John. *Semantics*, Vol. 2, Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

NOBLE, Kingsley N. *Proto-Arawakan and its descendants*. Bloomington: Indian University, and The Hague: Mouton, 1965.

NICHOLS, Johanna. On alienable and Inalienable Possession. In: SHIPLEY, William. *Honor of Mary Haas: from the Haas Festival Conference on Native American Linguistics*, Mouton Grunter, Berlin, 1988, p.557-609.

NICHOLS, Johana; BICKEL, Balthasar. Locus of Marking in Possessive Noun Phrases. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*, Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <https://wals.info/chapter/24>. Acesso em: 20/08/2020.

PAYNE, Doris. *Amazon linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: Texas University Press, 1990.

RAMIREZ, Henri. *Uma gramática do Baniwa de Içana*, 2001a (ms)

SANTOS, Manoel Gomes dos. *Uma Gramática do Wapixana (Aruák): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe*. 2006. 299 f. (Tese de Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, 2006.

STASSEN, Leon. *Predicative Possession*. New York: Oxford University Press, 2009.

VELUPILLAI; Viveka. *An introduction to linguistic typology*. John Benjamins Publishing Company, 2012.

## **ANALYZING ATTRIBUTIVE POSSESSION IN ARAWÁK LANGUAGES SPOKEN IN THE AMAZON REGION**

### **ABSTRACT**

This paper aims to analyze the attributive possession in what concerns the so-called alienable and inalienable names in five Arawák languages spoken in the Amazon region: Baniwa, Baré, Tariana, Apurinã and Wapixana. One of the results presented is that, in general, these languages exhibit a distinction of alienable [- economic] and inalienable [+ economic] possession, with similar affixes, all of them exhibit a morpheme that designates a name not possessed. Therefore, it is noted the importance of a more detailed investigation so that, later, a more condensed typological study of the category of possession in the languages of the Arawák family can be established.

**Keywords:** Alienable and inalienable names, Arawák Languages, Morphological Typology.

Recebido em 30/08/2020.

Aprovado em 01/10/2020.